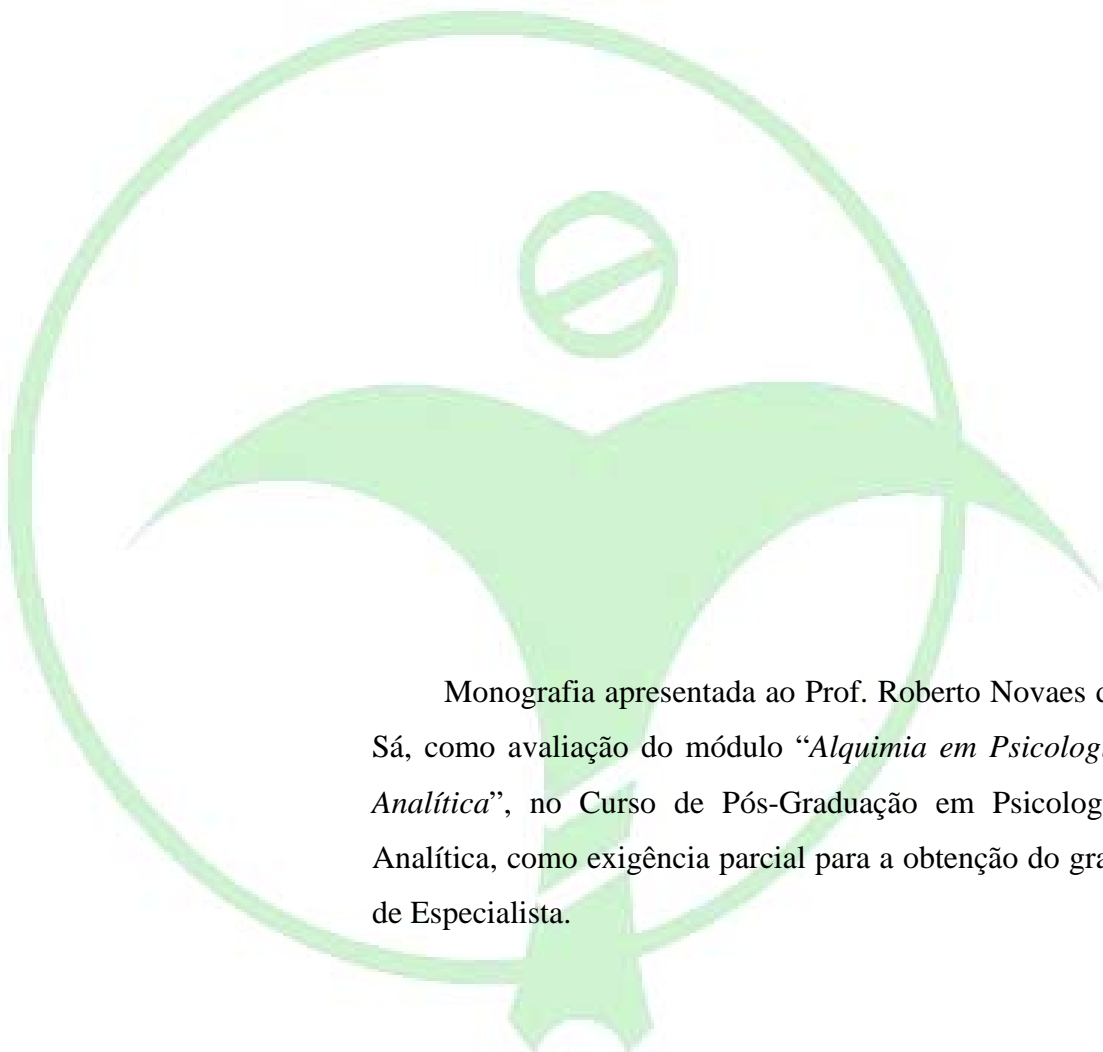




## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ALQUIMIA**



Monografia apresentada ao Prof. Roberto Novaes de Sá, como avaliação do módulo “*Alquimia em Psicologia Analítica*”, no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista.

IBMR – INSTITUTO BRASILEIRO DE MEDICINA DE REABILITAÇÃO

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

2001



O modelo alquímico, que aqui será tomado por seu aspecto simbólico, será considerado pelo fato de representar um sentido profundo para a compreensão da obra de C. G. Jung.

O rompimento com Freud (em 1913) provocou uma fase de intenso conflito inconsciente em Jung. Por esta época, Jung vivenciou o que chamaria mais tarde de reconhecimento de seus próprios “mitos” (conforme descreve em sua obra intitulada “*Memórias, sonhos e reflexões*”). O fato marcante desta fase de Jung tem por motivo seus estudos sobre os arquétipos e individuação. Os resultados de tais pesquisas suscitaram-lhe inúmeras dúvidas, chegando, em alguns momentos, a produzir-lhe insegurança.

A respeito da alquimia, Jung considerava-a à luz do simbólico, pois a entendia como um dos possíveis percursos capazes de propiciar o estudo do inconsciente com vista a transformação da personalidade. Sua pesquisa considerou o fato de que os alquimistas projetavam seus processos internos naquilo que estavam fazendo, e durante os intercursos destas investigações acabavam experimentando experiências profundas. Tais experiências propiciavam vivências de natureza física e espiritual.

É importante destacar que ao considerarmos a historicidade, tanto as correntes psicológicas nascentes quanto a alquimia sofriam preconceitos da sociedade de seu tempo por legar-lhes um caráter subversivo e obscuro.

Por meio do estudo de textos alquímicos, Jung delineou o equivalente histórico da psicologia profunda que havia desenvolvido.

Vi logo que a psicologia analítica coincidia singularmente com a alquimia. As experiências dos alquimistas eram as minhas experiências, seu mundo era, de certo modo, meu mundo. Naturalmente, isso foi para mim, uma descoberta ideal, pois acabara de encontrar o equivalente histórico para a minha psicologia do inconsciente. Ela ganhava, com isto, uma fundamentação histórica. A possibilidade de comparação com a alquimia, bem como a continuidade espiritual, remontando até a gnose, era o que garantia substância a minha teoria. Ao ocupar-me com os velhos textos, tudo encontrou seu lugar: o mundo figurativo da imaginação, as experiências coletadas em minha prática terapêutica e as conclusões tiradas a partir dessa prática. Eu começava, então, a perceber o que significava tais conteúdos do ponto de vista histórico. Aprofundava-se minha compreensão de seu caráter típico, algo que já iniciara ao longo de minhas pesquisas sobre os mitos. (...) percebi então que sem história não há psicologia, muito menos uma psicologia do inconsciente. É verdade que uma psicologia da consciência pode contentar-se com o conhecimento da vida pessoal; já para o desenredo de uma neurose faz-se necessária uma anamnese, que vai bem além do conhecimento de uma consciência. E, quando é preciso tomar algumas decisões inusitadas durante o tratamento, surgem sonhos cuja interpretação demanda mais que reminiscências pessoais. (*Memórias, sonhos e reflexões*, 1975).



Os alquimistas tinham dois objetivos: (1) alterar ou transformar materiais básicos em algo valioso – pedra filosofal, e (2) transformar uma matéria básica em espírito, libertando a alma. No aspecto projetivo, entendia-se que o que estava na alma do alquimista também poderia ser transformado em matéria, deste modo, as projeções inconscientes serviram a esse propósito.

Neste ponto, é importante ressaltar o conceito de projeção proposto por Jung, uma vez que tal conhecimento contribui para a compreensão do importante papel da alquimia nas pesquisas junguianas. Objetivamente, pode-se afirmar que projeção é o processo automático pelo qual os conteúdos do próprio inconsciente são percebidos como estando nos outros. Diz JUNG (1971, CW 8ii, par. 507):

Todos os conteúdos do nosso inconsciente estão sendo constantemente projetados naquilo que nos circunda, e somente reconhecendo certas propriedades do objeto como projeções ou *imagos* seremos capazes de distingui-las das reais propriedades dos objetos... (...) A projeção dos conteúdos do inconsciente é um dado natural e incontroverso.

E complementa (1971, CW 6, par. 783):

A projeção significa a expulsão de um conteúdo subjetivo para um objeto; (...) Conseqüentemente é um processo de desassimilação, pelo qual um conteúdo subjetivo se aliena do sujeito e, por assim dizer, encarna-se no objeto. O sujeito se desvencilha dos conteúdos dolorosos e incompatíveis, projetando-os.

Jung chama ainda atenção para o fato da projeção não ser um processo consciente mediado pela volição: “*A razão geral e a psicologia das projeções é sempre um inconsciente ativado que busca a expressão.*” (1971, CW 18, par. 352).

A projeção faculta a criação de relações imaginárias, que, muitas vezes, se diferencia do mundo fenomenológico. “*O efeito da projeção é isolar o sujeito de seu meio ambiente, pois em vez de uma relação real com ele há, agora, apenas uma relação ilusória. As projeções transformam o mundo em uma réplica da face desconhecida do sujeito.*” (JUNG, 1976, CW 9ii, par. 17). Porém, não se pode negar os efeitos positivos da projeção, visto que ela facilita as relações interpessoais. Este fato é marcadamente percebido quando características ou qualidades atribuídas a uma dada pessoa, de modo judicativo e preconceituoso, não encontram respaldo quando confrontados com a experiência. Neste momento, as suposições, a cerca do outro, suscitam uma investigação sobre nós mesmos, o que em outras palavras, acarreta a dissolução das projeções. Afirma JUNG: “*Tal necessidade surge quando a identidade se torna um fator de perturbação, isto é, quando a ausência do conteúdo projetado é um impedimento à adaptação e sua retirada de volta ao sujeito tornou-se desejável.*” (1971, CW 6, par. 783).



Ainda sobre a projeção, Jung as distinguiu em passiva e ativa; atribuindo a primeira um caráter automático e não intencional (p. ex.: apaixonar-se), ao passo que sobre a segunda, recairia o caráter intencional dado pela empatia.

Feita tais considerações, é possível compreender que Jung passou então a recorrer à representação alquímica por entender que as mesmas continham as raízes das experiências psicológicas. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a alquimia passou a representar metaforicamente o crescimento e desenvolvimento psicológico.

A alquimia fornecia ainda a possibilidade de se trabalhar com os opostos num construto marcadamente dialético<sup>1</sup>. Esta abordagem levou Jung a entender que a alquimia deveria ser abordada a partir de uma óptica simbólica. Esta consideração se fez necessária uma vez que conecta o trabalho com os sonhos à escrita alquímica. Se os sonhos permitem a representação de processos psíquicos por meio dos seus elementos constituintes, a alquimia se valia de suas representações químicas (por meio dos seus elementos), para representar atitudes intrapsíquicas como os eventos corporificados (p. ex., os intercursos sexuais).

Outro ponto de aproximação é notado pelo fato dos alquimistas não prescindirem dos fatores interpessoais, pois o trabalho alquímico é marcado por elementos masculinos que mantém íntima relação com sua *sóror mystica*<sup>2</sup> equivalente ao conceito de *anima*<sup>3</sup> junguiana. Portanto, esta abordagem contempla e evidencia a importância do papel que o “outro” exerce na transformação psíquica.

Essa metáfora, que a alquimia representa, também pode ser evidenciada pelo prisma da articulação que se dá entre o analista e o paciente. Jung enfatiza que o processo dialético, bem como o da transformação, podem ser ilustrados por meio da alquimia (1971, CW 16). Neste caso o que se percebe é a relação transferencial, pois o analista estando em relação direta com o analisando, o faz tanto como sendo percebido como pessoa quanto como uma projeção de conteúdos inconscientes. Pode-se dizer que a tarefa da análise é alquímica porque ela se fundamenta em libertar a “alma”, enquanto potencialidade psíquica, do seu cárcere material, ou seja, da psicopatologia. De outra maneira pode-se dizer que conceitualmente a diferenciação entre a psique e a matéria é o objeto alquímico; o mesmo se observa em Jung.

As analogias entre alquimia e psicologia junguiana podem ser observadas em situações tais como: (1) os conceitos e figuras alquímicas foram entendidos por Jung como projeção das experiências psico-espirituais projetadas no mundo fenomenológico; (2) As transformações alquímicas da matéria química encontram equivalentes no processo terapêutico, uma vez que ambos objetivam a completude

---

<sup>1</sup> **Leia também:** *A significância do processo dialético na construção da teoria junguiana com vista ao processo de individuação*, monografia de conclusão de curso, 2002, do mesmo autor, que aprofunda o tema.

<sup>2</sup> **Sóror mystica:** irmã mística.

<sup>3</sup> **Anima:** o lado feminino interior do homem, é tanto um complexo pessoal como uma imagem arquetípica. JUNG (1976, CW 9i, par. 66) chega a afirmar que “A *anima* é o arquétipo da própria vida”. Dentro da psique, a anima funciona como alma, influenciando as idéias, atitudes e emoções de um homem. Como personalidade interior, a anima é complementar a persona, o que lhe confere uma função compensatória.



humana; (3) o reconhecimento, por ambas, da importância exercida pela união dos opostos na própria pessoa, nas relações e no processo de cura e transformação; e, (4) a função compensatória que é percebida tanto na alquimia quanto na psicologia junguiana, uma vez que mantém vivo um pensar coletivizado das forças inerentes à espiritualidade e psiquismo humano muitas vezes rechaçados por correntes religiosas que impunham seus dogmas.

Quando Jung menciona o aspecto compensatório, se preocupa em afirmar que este processo natural tem por finalidade manter a psique em equilíbrio dinâmico, chegando a dizer que “(...) a compensação inconsciente não se opõe à consciência, sendo antes, um fator de equilíbrio e de suplementação da orientação consciente”.(1971, CW 6, par. 694). Portanto, se este fator surge como um elemento de suplementação, ele permite à psique alcançar outras formas de percepção da realidade, o que é possibilitado, na concepção junguiana, pelo o que o mesmo denomina de função transcendente, assim explicada: “As tendências do consciente e do inconsciente são os dois fatores que, juntos, compõem a função transcendente. É chamada ‘transcendente’ porque torna organicamente possível a transição de uma atitude para outra”. (1971, CW 8i, par. 145).

Jung assevera que a função compensatória contém uma natureza autorreguladora que conduz ao equilíbrio dinâmico da psique a partir do desenvolvimento gradativo da consciência por meio de um processo analítico, citando JUNG (1971, CW 6, par. 693): “O objetivo da terapia analítica, portanto, é uma compreensão de conteúdos inconscientes, a fim de que a compensação possa ser restabelecida”.

Resumidamente, pode-se valer dos dizeres de JUNG (Memórias, sonhos e reflexões, 1975) para concluir este trabalho:

O alquimista procurava na matéria desconhecida “o segredo divino” e acabou enveredando por caminhos e procedimentos que muito se assemelham aos da psicologia do inconsciente praticada hoje em dia. Também ela encontra-se em confronto direto com um fenômeno objetivo desconhecido: o inconsciente.

## BIBLIOGRAFIA:

- JUNG**, Carl Gustav. *A energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 8i.  
\_\_\_\_\_. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 6.  
\_\_\_\_\_. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 8ii.  
\_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 1976.  
CW 9i.  
\_\_\_\_\_. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 1976.  
CW 9ii.  
\_\_\_\_\_. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 16.  
\_\_\_\_\_. *A vida simbólica*. Petrópolis: Vozes, 1971. CW 18.



\_\_\_\_\_. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975 [tradução do original: *Memories, dreams, reflections*, 1963]. 23ª impressão.

---

Dr. Maurício Aranha - Médico pela Universidade Federal de Juiz de Fora; Especialista em Neurociência e Saúde Mental pelo Instituto de Neurociências y Salud Mental da Universidade da Catalunya; Pesquisador do Núcleo de Psicologia e Comportamento do Instituto de Ciências Cognitivas. E-mail: [dr\\_mauricioaranha@yahoo.com.br](mailto:dr_mauricioaranha@yahoo.com.br)

